

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III, CONCLUSÃO)
14 de outubro de 2024

UNE PLACE PARMİ LES VIVANTS / 2003
(*“Um Lugar Entre os Vivos”*)

Um filme de Raoul Ruiz

Realização: Raoul Ruiz / Montagem: Valeria Sarmiento / Produção: Denis Karvil, Pierre Roitfeld / Produção Delegada: Guillaume Roitfeld / Direção de Fotografia: Ion Marinescu / Som: Alexandre Verwaerde, Georges-Henri Mauchant, Gerard Rousseau / Música: Jorge Arriagada / Direção Artística: Florin Gabrea / Guarda-roupa: Teddy, Andrea Hasnas / Interpretações: Christian Vadim (Ernest Ripper), Thierry Gibault (Joseph Arcimboldo), Valérie Kaprisky (Maryse), Cécile Bois (Sabine), Julie Judd (Sandrine), Jacques Pieller (livreiro), Denis Karvil (amador), Dan Condurache (Roger), Tomi Cristin (Alexis), Lamia Beligan (Christine), Eugenia Brenda (Vedrinne) / Cópia: 35mm, cor, falado em francês com legendas em italiano e com e legendagem eletrónica em português / Duração: 103 minutos / Estreia Mundial: difundido na televisão no canal Arte em 16 de setembro de 2004 / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

É irresistível o apelo de Ruiz por realidades em segunda ou terceira mão, isto é, refletidas e estilhaçadas. “Imagens de imagens” (Dr. Jekyll & Mr. Hyde, Mr. Hyde & Dr. Jekyll) que se confrontam entre si ou que resultam de pactos diabólicos no sentido de uma criação ou conspiração qualquer. É o que este filme televisivo de Ruiz é ou é sobre isso que versa a sua narrativa feita de crimes, fantasmagorias e... muitas baguetes, qual *noir* fantástico e semi-paródico ambientado numa Paris (re)imaginada nos anos 50 (a rodagem decorreu entre França e Roménia). Quem é o autoproclamado assassino em série que reclama os préstimos de um escritor medíocre para a escrita de um livro sobre a arte de matar? **Une place parmi les vivants/“Um Lugar Entre os Vivos”** faz do processo criativo subjacente à escrita um jogo de “espelho contra espelho”, efeito no limiar entre o que pode ser verdade e o que pode ser efabulado – o parapeito aqui é tão inseguro e vertiginoso quanto aquele a partir do qual o pintor que abre (e fecha) o filme cai de maneira, dizem certas vozes, muito propositada ou, *hélas*, deveras accidental, alegam outras. Por outro lado, numa parceria como esta, entre escritor e assunto, um qualquer braço de ferro é sempre levado a cabo, sem que se saiba ao certo o que pode estar em jogo para quem ceder primeiro e deixar cair a máscara, de falso assassino ou de falso escritor ou, pondo de outra maneira, de falsa ficção. Nesse sentido e a propósito desta relação instável com a verdade ou a realidade das coisas, o facto de o trabalho do escritor ser ou não um *roman a cle* é uma questão nada desprecienda no tecido desta intriga.

Títulos como **House by the River** (1950) de Fritz Lang, **Best Seller** (1987) de John Flynn, **Misery** (1990) de Rob Reiner, **In the Mouth of Madness** (1994) de John Carpenter e mais recentemente **D’après une histoire vraie** (2017) de Roman Polanski ilustram bem os perigos desta sobreposição entre arte e vida, entre escrita e crime. A história de Ernest Ripper (Christian Vadim, um dos atores favoritos do universo “ruiziano”, que neste ano de 2003 entra no bastante relacionável **Ce jour-là**) e Joseph Arcimboldo (Thierry Gibault, cara conhecida do universo de Marc Caro e Jean-Pierre Jeunet) dá a Ruiz fundamentos para se entreter a desenhar uma certa “genealogia do crime”. “Cada crime tem a sua genealogia”, adverte o alegado homicida de

strippers ou modelos sexuais cujas fotografias foram publicadas num raríssimo número de uma revista erótica chamada *Paris-Hollywood*, um bem burguês “Jack the Ripper” – ainda assim, é curioso ser o escritor a ganhar aqui um sobrenome de assassino – que se gaba de preparar cada crime como, no cinema, se planifica uma rodagem. A narrativa burilada, quase gongórica, de Ruiz faz-nos adentrar simultaneamente na mente do criminoso maníaco e na de quem o (d)escreve, transformando ainda em material literário os potenciais “alvos” de ambos, pondo ao barulho um punhado de esbeltas e enigmáticas mulheres (*cherchez la femme...*).

Desde os primeiros encontros, Ruiz parece promover uma inversão, assaz perversa, em todo este xadrez, fazendo com que o escritor pareça muito mais culpado do que o confesso homicida. E não será a glamorização e perpetuação por via da escrita uma forma de tornar o que é mais reles e desprezível em grandioso e venerável? A escrita monumentaliza e “memorializa” até os seres mais abjetos. “Que dilema para o escritor, que lida não só com as ramificações morais de glorificar (e incentivar) o assassino, mas também com as implicações antiestéticas de a ficção não apenas simular, mas ativamente criar uma realidade macabra”, apontou Adrian Martin na sua crítica ao filme, publicada na revista *Rouge* em 2004. Como sempre, “o que está dentro, está fora”, para retomar a velha ideia de Béla Balász, e, portanto, a câmara barroca e sensível de Ruiz participa da desorientação e perversidade gerais, desenhando círculos sobre círculos no espaço, promovendo o ângulo oblíquo (*dutch angle*) para acentuar o declive de tudo aquilo que é levado a jogo nesta história de natureza escorregadia. Nela, ninguém está a salvo e nada é absolutamente seguro. Tudo *se joga* entre o ser e o não-ser ou, de maneira muito literal e desconcertante, entre não vivos que bebem cervejas e fumam cigarros. Pelos vistos, e o olho não mente (*vide* a deliciosa cena final), estes fantasmas ainda dominam o idioma do desejo.

Luís Mendonça